

Os livros do CES

■ O Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra encerrou um ciclo de alguns anos em que promoveu encontros sobre literaturas africanas dos Cinco. Daí resultaram quatro volumes de ensaios (os dois primeiros dedicados a Moçambique e Angola), editados pela Afrontamento, os dois últimos sobre Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau, com a coordenação de Margarida Calafate Ribeiro, com a colaboração, respetivamente, do brasileiro Sílvio Renato Jorge e da guineense Odete Costa Semedo. Sendo um laboratório associado da FCT, o CES insere a pesquisa e os encontros sobre literaturas africanas no âmbito mais lato das suas preocupações globais com as desigualdades Norte-Sul, a emergência de novos centros de poder económico e cultural (os BRIC, entre outros), o resgate das culturas populares, o dar visibilidade às vozes silenciadas e subalternas, o expressar das minorias, a luta anti-racista, etc. É por isso que a postulação do Boaventura de Sousa Santos das “epistemologias do Sul” ecoa nessas atividades, sendo o seu filão maior a teoria pós-colonial e os estudos culturais, com forte incidência dos teóricos “anglo-americanos”, mesmo quando originários de outros quadrantes, mas cuja carreira se tem desenrolado neste mesmo Norte, o que obviamente lhes retira capacidade “endógena” (Edward

Said, Gayatri Spivak, Stuart Hall, etc).

A iniciativa desses encontros e dos quatro livros alargou-se aos contributos dos tradicionais especialistas de literaturas africanas, os que não se reclamam propriamente de qualquer corrente específica, os que podemos chamar de profissionais desses estudos, que trabalham, há bastante tempo, nesse campo e se podem definir como desenvolvendo a sua atividade a tempo integral, num quadro legislativo que acabou por criar o próprio conceito (em mutação) de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa ou, em alternativa, designando cada literatura pela sua expressão nacional. Nos últimos tempos, verifica-se, em alguns domínios institucionais, a inclusão dessas literaturas nacionais numa grelha mais ampla de lusofonia ou mesmo de “literatura mundo”, recuperando uma tradicional ideia ocidental que vai de Goethe a Eliot e tem no “cânone ocidental”, de Harold Bloom, a expressão máxima, com desdobramento francófono no manifesto de Michel Le Bris e Jean Rouaud e uma espécie de variante mais ampla, a “literatura de todo o mundo”, de Édouard Glissant, que publicou uma antologia poética com mais de 250 autores de variadas línguas, estando a portuguesa, como é habitual, mal representada. De certo modo, estes volumes contrariam a tendência

de hegemonização dos estudos literários pela renovada via de uma globalização estratégica, em que as particularidades se apagam.

É neste contexto lusófono e global que os dois volumes reúnem ensaios importantes para se compreender melhor as literaturas desses três pequenos países, tornando-se de consulta obrigatória. Assim, no volume sobre as literaturas insulares, há 16 ensaios e vários depoimentos de escritores e intelectuais. É sempre injusto destacar algum, mas os textos de Simone Caputo Gomes sobre a complementaridade entre literatura e música, e o de Ana Cordeiro sobre

desenvolvendo tendo por padrão de aferição somente a luta armada de libertação (que, aliás, recorde-se, nem se desenrolou no arquipélago),



Estes volumes contrariam a tendência de hegemonização dos estudos literários pela renovada via de uma globalização estratégica



Vivências, pintura de Malagatana. Ensaios importantes para se compreender melhor as literaturas africanas

a questão da identidade no século XIX, em Cabo Verde, acrescentam valor, pelo pormenor e a exemplificação, ao que já podíamos conhecer. O contributo de Ana Cordeiro, então, vem esclarecer, de uma vez por todas, que a reflexão sobre a identidade cabo-verdiana e a questão do nacionalismo que se lhe associa não pode ser

mas todo o processo de longa duração de uma maturação social e cultural iniciada com o povoamento.

Relece ainda para o artigo de Benjamin Abdala Junior sobre a utopia e a dualidade na construção da identidade nacional através da literatura, segundo uma fina análise textual da obra de Manuel Lopes, com base na Escola de Frankfurt

e imbricações renescentistas e platonicas, entre outras. Phillip Rothwell assina um artigo sobre o romance *Eva*, de Germano Almeida, bastante apelativo ao chamar à ficção uma “obra-prima de crueldade encenada”, numa leitura que revisita Freyre e a crítica (neo-)freyreiana. Saliente-se ainda que há ensaios dedicados à poesia de Conceição Lima (de M. Calafate Ribeiro, Sílvio R. Jorge e Jessica Falconi), à *Claridade*, a Arménio Vieira, entre outros, como o de Inês Cruz sobre o papel de substituição de informação que a literatura insular desempenhou durante o tempo de censura.

O volume sobre a Guiné-Bissau, com 12 ensaios e seis depoimentos, afirma-se como um contributo inescapável na bibliografia editada em Portugal, com relevo para o ensaio inicial da escritora guineense Odete Costa Semedo, que fornece uma visão histórica e panorâmica, enfatizando o papel dos antecessores, das antologias, da poesia, dos contos e dos cantos, em que as mulheres, neste último caso, têm uma intervenção decisiva, através das mandjuandadis (associações de mulheres para a criação cultural e artística, nas principais cidades), de que a própria autora faz parte.

De notar que o volume refere “as literaturas da Guiné-Bissau”, remetendo para uma pluralidade que põe em causa a simplificação de qualquer designação abrangente no singular, sobretudo quando se trata dos Cinco países, agrupados em disciplinas académicas, mormente no hemisfério Norte, mas não exclusivamente. E o subtítulo não é menos questionador das teorias estabelecidas: “Cantando os escritos da história”. Ou seja: é a primeira vez que, em relação a um país, se assume a pluralidade das culturas, das literaturas e do canto como mosaico em que a oralidade desenvolve o seu trabalho de um modo como não se

faz noutros espaços, em que o canto dá origem a escritos.

Depois, a diversidade dos estudos e a sua importância para a compreensão da literatura e oralitura do país de Amílcar Cabral torna-se evidente, pela abordagem da questão das línguas de escrita, o crioulo e o português, pelo histórico da poesia enquanto lugar de esperança da nação e resistência à catástrofe da pós-independência, o supremo relevo da oralidade na literatura dos Cinco que mais se aproxima das tradições ancestrais, a ligação da literatura dramática tradicional com a moderna de forte influência oral ou a abordagem da obra de Abdulai Sila em diálogo com as posições doutrinárias de Cabral. Destaque, pois, para os textos de M. Nazareth Soares Fonseca, Carmen Lucia Tindó Secco, Joaquim Bessa, Íris da Costa Amâncio, Robson Dutra, Teresa Montenegro, Tony Tcheka, Moema Parente Augel, esta uma referência matricial para os estudos literários deste país. Ainda assim, uma nota final, para recordar aqui que não há qualquer referência, nem tem havido noutras publicações, a um trabalho de fôlego publicado por Luciano Caetano da Rosa sobre a literatura guineense, em 1993, que foi um volume dos *Suplementos de Lusorama/ Beihefte zu Lusorama*, de Frankfurt, com a extensão de mais de 200 págs., e que não pode ser obliterado. **JL.**

➤ **Margarida Calafate Ribeiro e Sílvio Renato Jorge (orgs.)**

LITERATURAS INSULARES. LEITURAS E ESCRITAS. CABO VERDE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE

Afrontamento, 314 pp, 18 euros

➤ **Margarida Calafate Ribeiro e Odete Costa Semedo (orgs.)**

LITERATURAS DA GUINÉ-BISSAU. CANTANDO OS ESCRITOS DA HISTÓRIA

Afrontamento, 258 pp, 16 euros